

ENTREVISTA COM LAURA PEREIRA

Geralmente relacionamos o Antropoceno à ideia de fim: fim dos recursos, fim da biodiversidade, do mundo, da própria humanidade. Estas são visões bastante escatológicas, catastróficas. Assim, como é possível haver um bom Antropoceno? O que te fez procurar por sementes de bons Antropocenos?

A noção de Antropoceno tem sido, como você disse, muito moldada em ideias distópicas de mudança ambiental. A trajetória corrente em torno da qual nos encontramos nesse planeta é uma cuja história é muito fácil contar, mas muito difícil agir contra uma versão negativa dela.

Então se pensarmos sobre mudança ao longo do tempo ou sobre dinâmicas complexas de sistemas, não sobreviveremos. Não vamos voltar a um tempo em que humanos não causavam mudanças no planeta. A pergunta é: conseguimos usar esta força para o bem ao invés do impacto negativo que temos tido? Considerando que estamos presos em um sistema em que o Antropoceno é inevitável, conseguimos agir de forma mais sustentável, igualitária e desejável?

É muito difícil agir para alcançar os objetivos que nos colocamos – os objetivos do desenvolvimento sustentável (ODSs) e a agenda de mudanças climáticas, por exemplo – em um contexto em que o Antropoceno é tido como negativo por carregar uma mensagem muito desencorajadora: tudo vai acabar em desastre e a vida será impossível enquanto tentamos alcançar os ODSs e metas parecidas. Precisamos pensar em um futuro potencialmente desejável no contexto do Antropoceno e nos motores de mudança que sabemos estar enraizados nos nossos sistemas.

Então os humanos se enxergarem como uma espécie entre outras ao invés de ser a única dominante poderia ajudar nesse sentido?

Acho que a noção de humanos separados da natureza como espécie dominante se encaixa em um sistema de pensamento científico muito ocidental, que só ocorreu depois do Iluminismo – mas há muitas culturas pelo mundo que não veem esta separação entre espécies – reconhecer estas diferentes espécies e dar credibilidade a elas é um aspecto importante em direção ao futuro.

Você pode nos contar um pouco mais sobre o projeto “Sementes de Bons Antropocenos”? Como ele mudou sua visão sobre esta nova época?

A premissa por trás do projeto era ver se conseguíamos criar visões radicais (mas mais desejáveis) do futuro, baseando-nos em coisas que estão acontecendo agora. Pense em uma mudança transformadora – como a revolução industrial na Europa, por exemplo. Não era algo que as pessoas estavam planejando chegar, mas muitas das ferramentas e sementes daquele futuro já existiam – então o negócio foi colocá-las juntas.

Então a ideia do projeto é pensar se conseguimos usar as mesmas ferramentas de mudanças anteriores para nos ajudar a criar futuros mais desejáveis – baseados em coisas que as pessoas já estão fazendo.

Da mesma forma que não se poderia prever a revolução industrial, a mudança transformadora que vai nos ajudar a atingir padrões mais sustentáveis provavelmente é parecida – e difícil de entendermos. Será que existem ferramentas que podemos usar para ao menos nos ajudar a pensar nisso?

Há uma combinação de um objetivo principal – alcançar estes futuros diferentes em contextos diferentes – mas ao mesmo tempo juntar ideias sobre de algumas destas mudanças positivas acontecendo pelo mundo, a partir de pessoas diferentes. Estes são os dois objetivos principais. Há um terceiro objetivo, que é juntar alguns destes agentes de mudança em oficinas para discutir futuros mais criativos e ver como a combinação destas ideias, pessoas e formas de pensar poderiam gerar impacto positivo. Não necessariamente é uma soma em que 1+1+1 é igual a 3, mas sobre como fazer algo diferente e trazer estas pessoas diferentes para um mesmo espaço.

A ênfase no Sul Global é notável. Qual o papel desta parte do planeta em moldar um Antropoceno melhor?

Sou tendenciosa porque sou sul-africana, mas acho mesmo que a maior parte da mudança transformadora tem que vir do Sul Global. O Norte Global, ou ao menos o Ocidente, está muito enraizado em paradigmas e formas de pensar existentes – o pensamento científico pós-Iluminismo – e com ele vem uma forma muito particular de pensar sobre soluções para mudanças que tivemos. Então, por um lado a o desenvolvimento da civilização ocidental criou uma noção do que desenvolvimento sustentável significa – e também muitos dos problemas que estamos tentando resolver retrospectivamente no entorno dessa ideia de desenvolvimento.

Ao passo que, quando se olha para o Sul Global, primeiro – há muito mais diversidade. Muito mais capacidade de ir em direção a um futuro que é fundamentalmente diferente daquele construído por um Norte Global com a sua noção de desenvolvimento – então penso que é aí que o potencial realmente está. Nas formas diversas de ver e ser.

Em segundo lugar, quando se fala em inovação, penso que no Sul há muito mais criatividade. Muito do trabalho sobre inovação – seja ela social, induzida por escassez ou inclusiva – tem a ver com a criação de pessoas em contextos de países em desenvolvimento, em sua maioria. É desses lugares que muito desse trabalho interessante sobre inovação tem vindo.

E os valores por trás disso – que não têm a ver com as noções de inovação derivadas do lucro de pesquisa e desenvolvimento, mas que tem muito mais a ver com o bem-estar das pessoas ou com uma inovação focada no planeta – também estão surgindo muito mais de contextos dos países do Sul Global.

Mas esta noção mudou com as crises econômicas e flutuações cambiais sucessivas em países do Sul Global como o Brasil? Acha que países como o Brasil, Índia e África do Sul conseguem recuperar a importância que já tiveram na discussão global sobre desenvolvimento sustentável?

Quero argumentar que nada mudou fundamentalmente – porque estamos pensando de espaços de tempo muito mais longos que os de políticas individuais. Se falamos de política no curto prazo, tem menos a ver com governança política de cima para baixo e mais de governança de baixo para cima, de pessoas no campo se juntando e fazendo coisas no entorno dessa ideia de inovação.

Então eu ainda diria que África do Sul, Brasil, México... nestes países onde se tem renda suficiente para garantir bem-estar para uma boa parte da população (levando em conta a desigualdade e todo o resto) há inovação. Eles não estão sentados em espaços confortáveis como a Escandinávia, onde não se é confrontado com os impactos das mudanças ambientais e desigualdade social numa base diária – nem em regiões como o Sahel, onde é mais difícil pensar em sustentabilidade no longo prazo porque se está tentando conseguir chegar ao dia seguinte.

É nestes países “do meio” que penso – independente de política e economia de governos – que muito do potencial de inovação no entorno do desenvolvimento sustentável de fato está. E isto é para um período longo de tempo, não de ciclos individuais. Acho que ficamos muito para baixo quando focamos no imediato, no próximo, porque é aí que nosso pensamento está. Mas o desafio do desenvolvimento sustentável é sair desse pensamento de curto prazo e pensar no longo prazo – no que vai nos levar onde queremos estar.

Mas nem todo mundo participa igualmente deste processo. Como engajar populações marginalizadas em lugares onde movimentos de base não são tão estruturados?

É o grande desafio. Vencer a marginalização e acelerar a capacidade para inovação. Acho que o primeiro passo é reconhecer o papel importante que diversas formas de pensar representam como espaço de oportunidades.

Se você pensa em grupos marginalizados – povos tradicionais, mulheres, os muito pobres – é preciso valorizar e reconhecer o potencial deles como seres humanos para conseguir pensar criativamente sobre problemas. E deveríamos reconhecer que esta diversidade de perspectivas é fundamental se queremos ser capazes de alcançar os objetivos que queremos. Então acho que há um papel muito ativo que pesquisadores em particular deveriam desempenhar em trazer esta capacidade inovadora e mostrar o que estes grupos estão fazendo, a fim de que eles recebam o reconhecimento que merecem – a fim de que não sejam vistos como marginalizados, estranhos ou fazendo as coisas de uma forma que não deveria ser feita. Mas é difícil.

E há toda uma dinâmica de poder e noções de propriedade intelectual e formas de envolvimento com estes grupos que é algo muito sensível e precisa ser coordenado extremamente bem. E acho que precisamos ser bastante reflexivos em nos lembrar constantemente de que não sabemos como é estar em uma determinada situação – e precisamos estar atentos a isso quando trabalhamos com estes grupos.

Um tratado tão vasto como o Acordo de Paris pode ser uma forma efetiva de mudança climática? Ou os países do Sul Global deveriam desenvolver seus próprios meios de lidar com as mudanças climáticas?

Governança nunca é algo fácil e acontece em múltiplos níveis. Há ganhos diversos que se pode conseguir através desses níveis diferentes de governança. As mudanças climáticas foram decisivas para chegarmos ao Acordo de Paris (ainda que ninguém acredite que ele vá funcionar para o que foi desenhado) e para manter um tratado global independentemente se os Estados Unidos saíram dele.

O acordo é muito importante como algo que estamos fazendo juntos, da mesma forma como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e a Agenda 2030 são uma agenda de governança global. Eles estão conduzindo um objetivo que o planeta precisa alcançar se quisermos todos sobreviver. Mas a implementação disso vai ser fundamentalmente diferente em contextos diferentes, seja regionalmente, a nível local, distrital, de país ou continental.

Veja o Brasil, por exemplo, onde o Nordeste é completamente diferente de São Paulo, que é diferente do Sul. Você não consegue nem falar de uma implementação apropriada desses mecanismos de governança a nível de Brasil! Então, da mesma forma, é bobagem falar de um nível global de governança que seja aplicável a todos. É preciso entender que vão ser necessários atores e direitos diferentes – não apenas estados-nação, mas também cidadãos, o setor privado – para efetuar mudança.

Daí, é por isso o foco na noção de **governança** ao invés de política pública, por exemplo. Este é um ponto importante de destacar porque tem a ver com a forma como cada um de nós age em nossas capacidades individuais, de como negócios e outros atores desempenham seus papéis – e de como eles conversam entre si e finalmente reforçam, ao invés de negar, o impacto.

É algo complexo, bagunçado, e acho que é por isso que não chegamos lá ainda.

Você poderia apontar uma iniciativa Sul-Sul que poderia servir de inspiração para a governança climática mundo afora?

Os movimentos de Soberania Alimentar de [La Via Campesina](#) (um movimento camponês de base presente em todo o mundo) tem sido um ponto muito interessante de engajamento, um exemplo de rede que cresceu muito a partir das margens. Ele vai muito na oposição à forma dominante de se ver a agricultura – que foi apropriado por uma variedade de povos tradicionais particularmente no Sul Global.

Me encontrei com agricultores do Zimbábue, do México do Brasil... e sinto que, como uma rede de aprendizado Sul-Sul, eles compartilham estas formas de ver, e pelo reconhecimento desses movimentos globais em rede, eles não mais são pessoas marginalizadas. Porque são reconhecidos dessa forma mais abrangente. Ainda que tenham sido marginalizados em seu próprio país, estão fazendo coisas de forma diferente por causa dessa rede de apoio que abarca as diferenças. Não é a única forma de fazer as coisas, mas acho que é um exemplo muito forte de rede de aprendizado Sul-Sul.

Por outro lado, também é importante se interrogar sobre a noção de escala. Ficamos muito obcecados em tentar escalar tudo: “quantas pessoas estamos afetando? É possível fazer isso com este ou aquele grupo? É possível replicar isso no Rio?”

Mas o que encontramos foi que a ideia de escalar em profundidade é na verdade melhor – tem a ver com quais são os princípios por trás deste ou daquele grupo. Não tem a ver com fazer a mesma coisa com mais pessoas em projetos maiores – mas sim com a relação íntima de princípios que alguns destes projetos têm.

Entrevista e tradução para o Português: Meghie Rodrigues, pesquisadora da diretoria de Desenvolvimento Científico do Museu do Amanhã